

Sociedade Pós-Moderna, Imagem Corporal e Deficiente Visual: Algumas Considerações

Postmodern Society, Body Image and the Visually Impaired: Some Considerations

Fabiane Frota da Rocha Morgado
Maria Elisa Caputo Ferreira

RESUMO

Introdução: O corpo deficiente é frequentemente visto como insuficiente para fazer frente às exigências de eficiência e produtividade da atual sociedade, caracterizada como Pós-Moderna. Nesta, valoriza-se sobremaneira o corpo ideal, aquele belo, másculo, produtivo e perfeito. Dessa forma, a manifestação de uma deficiência pode alterar a imagem corporal do indivíduo. **Objetivo:** Refletir sobre as relações socioculturais diagnosticadas nos temas Sociedade Pós-Moderna, Imagem Corporal e Deficiente Visual, ilustrando conceitos da literatura específica, principalmente da Sociologia e Antropologia. **Metodologia:** Estudo Qualitativo com revisão de literatura. **Resultado das reflexões originadas durante o curso da disciplina do Mestrado em Educação Física, "Corpo e Diversidade",** oferecida pela Prof^a Dr^a Maria Elisa Caputo Ferreira, na Universidade Federal de Juiz de Fora, durante o primeiro semestre de 2008. **Considerações Finais:** Trouxemos para esta reflexão o caráter multidimensional da imagem corporal. Nesse contexto, Schilder (1999) e Tavares (2003) afirmam que o deficiente visual é capaz de formular sua imagem corporal através de outros estímulos, os quais não sejam os visuais. O movimento aparece como um facilitador do desenvolvimento da imagem corporal e o profissional de Educação Física como um possível mediador entre este e o cego. Ressaltamos que na medida em que o sujeito se reconheça e se aceite na sua diferença/deficiência, ele pode manter relações positivas e prazerosas com o seu corpo, preservando sua identidade, por conseguinte, possuir uma imagem corporal positiva, mesmo diante dos apelos de corpo ideal de nossa cultura. **Palavras-chaves:** Modernidade, Corpo, Cego, Educação Física.

ABSTRACT

Introduction: the disabled body is frequently seen as insufficient to face the demands of efficiency and productivity of today's society, characterized as postmodern. In it, the ideal body (the beautiful, manly, perfect and productive one) is overvalued. Therefore, having an impairment may compromise an individual's body image. **Objective:** to reflect on social and cultural relationships, diagnosed in the themes of PostModern Society, Body Image, and the visually impaired, by illustrating concepts from the specialized literature, mainly from Sociology and Anthropology. **Methodology:** a qualitative study with literature review, as a result of the reflections originated in the study of the discipline "Body and Diversity", taught by Professor Maria Elisa Caputo Ferreira, PhD, as part of a course for Master's degree in Physical Education at the Universidade Federal de Juiz de Fora [Federal University of Juiz de Fora], in the first semester of 2008. **Final Considerations:** the multidimensional character of body image has been brought into this reflection. In such a context, Schilder (1999) and Tavares (2003) assure that the Visually impaired are capable of creating their own body image by means of stimuli other than the visual ones. The movement appears as a facilitator of the development of body image, and the physical education professional as a possible mediator between the body image and the blind. We stress that as the individual

recognizes and accepts himself/herself in his/her difference/impairment, he/she can have positive and pleasant relationships with his/her body, and preserve his/her identity, thus having a positive body image, even in spite of the appeals for an ideal body in our culture.

Keywords: Modernity, Body, Blind, Physical Education.

INTRODUÇÃO

Realizar considerações que envolvam temas tão complexos como Pós-Modernidade, Imagem Corporal e Deficiente Visual é um trabalho encantador e ao mesmo tempo arriscado. Tentaremos uma forma de abordagem desse trinômio, que se mostra muito mais ampla que o próprio nome possa determinar, buscando sua análise e compreensão, mas não nos surpreenderemos se, ao final, percebermos que estamos apenas no início do caminho.

Em uma sociedade que reconhece as pessoas a partir daquilo que elas possuem e da representação que o seu corpo exerce, a manifestação de uma deficiência de qualquer natureza pode provocar alterações na imagem corporal do indivíduo. As relações humanas no atual período Pós-Moderno são marcadas por mudanças constantes, rápidas e abrangentes, que direcionam a uma desvalorização constante das mercadorias, entre elas, o corpo. Este é alvo de um ideal de beleza, que dura somente enquanto beneficiar as relações econômicas e empresariais. Muito longe desse ideal encontra-se o corpo com deficiência em geral e visual, em particular.

Compreender o sujeito pós-moderno, no conjunto das suas complexidades, é um desafio para os pesquisadores de nossa época e para os profissionais de diversas áreas que lidam com o ser humano, especialmente o professor de Educação Física, já que este se encontra em um ambiente propício para as discussões acerca do corpo e movimento. Ao estudar a imagem corporal do deficiente visual, por exemplo, devemos considerar o contexto sociocultural que este indivíduo está inserido. A partir daí, é interessante esclarecer qual a lógica cultural que rege as relações entre os sujeitos. Portanto, aqui cabe o seguinte questionamento: quais relações podemos ilustrar, baseados na literatura, em específico na Sociologia e Antropologia, tendo como pilares os tópicos caracterizados por Sociedade Pós-Moderna, Imagem Corporal e Deficiente Visual?

Cumpramos destacar que a Educação Física, por muito tempo (e até os tempos hodiernos), priorizou (e prioriza) o corpo biológico e anatômico em detrimento do corpo biopsicosocial e cultural. Ao sofrer influência da visão Higienista do séc XIX, esta disciplina reduziu muitas vezes o ser humano em sua complexidade, compreendendo-o somente no seu aspecto biológico. Aqui, pretendemos um olhar antropológico sobre o corpo, portanto, não há espaço para um reducionismo proposto por uma visão cartesiana da Educação Física, onde o homem biológico é trabalhado separadamente do homem cultural. Neste sentido, Daolio (2005, p.31) afirma:

As concepções da Educação Física como sinônimas de aptidão física, a opção por metodologias tecnicistas, o conceito biológico de saúde utilizado pela área durante décadas, apenas refletem a noção mais geral de ser humano como entidade exclusivamente biológica, noção essa que somente nos últimos anos começa a ser ampliada.

Ao dialogarmos com o autor, percebemos um otimismo que ilumina uma visão do corpo que possa se fundamentar nas técnicas corporais propostas por Mauss (1984). Nestas, o corpo deixa de ser uma expressão mecânica de uma superioridade anatômica, para ser uma entidade repleta de signos e significados, enredada em um contexto sociocultural. Nessa direção, abala-se a visão tradicional da Educação Física como um conjunto de práticas padronizadas sobre o corpo físico, e

ressalta-se a prática e a consciência dos gestos corporais. Esses últimos, envolvidos numa cultura, que pode ser compreendida como uma rede que tece e é tecida de significados.

Portanto, este estudo objetiva refletir sobre as relações socioculturais diagnosticadas nos temas Sociedade Pós-Moderna, Imagem Corporal e Deficiente Visual, ilustrando conceitos e fundamentos da literatura específica, principalmente da Sociologia e Antropologia. Os tópicos poderão ser separados para fins didáticos, mas ressalta-se que os temas estão entrelaçados em uma rede, a qual se torna impossível e desnecessário soltar os nós, ou seja, não há como pensar na imagem corporal do deficiente visual desconectada da atual Sociedade.

Sociedade Pós-Moderna:

Modernidade ou Pós-Modernidade é o momento de culminância de um processo em que não só se encontra a separação entre ser humano e natureza, como também a separação, ainda que formal, entre todos os seres humanos que se tornam, desde então, indivíduos (SILVA, 1999). Pontuaremos algumas características marcantes deste período, dentre elas a destruição das ordens antigas da sociedade tradicional e a universalização de novos valores e normas, que culminam numa ocidentalização do mundo, proporcionada pela globalização.

Entendemos que a globalização, característica marcante da Sociedade Pós-Moderna, possibilitada pela evolução das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)¹, promove mudanças no comportamento das pessoas. Este avanço da interconexão entre áreas distintas do globo favorece transformações nas relações políticas, econômicas e culturais. Nesta última, podemos perceber mudanças nos estilos de vida, dada a influência dos costumes e valores difundidos através de filmes, seriados e novelas transmitidos via Satélite e via TV a Cabo. Portanto, percebemos que as novas TICs poderiam favorecer o compartilhar cultural entre as nações.

Entretanto, vale lembrar que, segundo Silva (2001), vivenciamos uma crise de ocidentalização do mundo. Nesse sentido, uma possível harmonia no compartilhar cultural entre as nações está comprometida. Ao contrário, vigora a prevalência de uma cultura imperialista e dominante nessa relação. É como se houvesse países responsáveis por impor a sua cultura e países subjugados e passivos à cultura opressora. É óbvio que nessa relação de opressor cultural e oprimido o fator determinante é o capital. Os países ricos e desenvolvidos se destacam nesse cenário com o poder de irradiar a sua cultura, por outro lado, os países pobres e subdesenvolvidos apenas a absorvem. Para Silva (2001, p.94):

A cultura ocidental se caracterizaria pelo desprezo ao mundo, paralelamente à sua posição de senhorio sobre esse mundo. Os elementos característicos dessa cultura civilizaram todo planeta, generalizando seu modo de vida, seus valores, sua racionalidade e sua expectativa de corpo; vive-se hoje, sob esse aspecto, a crise de ocidentalização do mundo.

De acordo com Hall (2005), a mudança contemporânea conhecida como globalização favorece a fragmentação da identidade do indivíduo. A “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos constitui uma crise de identidade” (Ibid., p.8). Nessa crise, o sujeito apresenta uma identidade provisória, variável e problemática, pois são incontáveis os apelos culturais que o rodeiam. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu coerente.” (Ibid., p.13). Para o autor, a globalização impacta negativamente sobre a identidade cultural do indivíduo.

Nesse contexto, observamos, diariamente, uma manifestação midiática de um totalitarismo fotogênico globalizado, como reza Sant'Anna (2001), no qual os indivíduos tendem a desfilarem um corpo não natural, moldado, arquitetado tecnocientificamente, portanto, um corpo violentado, porém um corpo dentro dos padrões de beleza de uma sociedade ocidentalizada.

Cumpra destacar em qual sociedade vivenciamos a globalização e o seu impacto na formação da identidade. Entendemos que Sociedade Pós-Moderna é aquela atual, em que vivemos, de mudanças constantes, rápidas e abrangentes. A Modernidade engloba “o controle regular das relações sociais dentro de distâncias espaciais e temporais indeterminadas” (SILVA, 2001, p.22). Ela se caracteriza por um dinamismo extremo nas relações sociais.

Na referida sociedade, impera o abalo das certezas. As afirmações pontuais são perigosas. Os questionamentos das teorias tradicionais se fazem presentes nos contextos econômicos, políticos e culturais. “A perda da certeza que atravessa a cultura contemporânea leva a uma nova consciência da ignorância da incerteza” (SCHNITMAN, 1996, p.15). Vivenciamos uma crise dos paradigmas que reflete um verdadeiro caos científico. Mas, como revela a teoria da Prigogine (1996), a ordem sucede o caos. Nesse sentido, florescem esperanças de criatividade. “Só num momento de crise se pode falar realmente de criatividade científica” (PRIGOGINE, 1996, p.26). Em consequência, a ciência evolui e o sujeito continua descentrado, desarticulado e alienado em um processo no qual ele é alvo da maioria dos empreendimentos tecnocientíficos.

A tecnociência pode ser tomada como a união de novas tecnologias e conhecimentos científicos em prol de um determinado objetivo. Na área da saúde, ela tem sido usada com o objetivo de construir corpos perfeitos, que alinham músculos, esticam rugas e controlam cada quilo (GUZZO, 2005). Dessa forma, o corpo é pensado e atravessado por diferentes tecnologias na busca de um ideal estético. Por um lado, o uso imprudente dessa tecnociência pode promover riscos, na medida em que ela tem sido usada com frequência e podemos falar, de forma arriscada, na busca frenética pelo corpo ideal. Por outro lado, seus efeitos podem trazer benesses, na medida em que promovem a fórmula de novos medicamentos e a cura de doenças que matavam muitas pessoas da sociedade tradicional. O desafio do atual momento histórico é utilizá-la eticamente, ou seja, a favor do indivíduo num contexto sociocultural.

Nesta sociedade permeiam, ainda, pensamentos contraditórios como o da exclusão social e do paradigma de uma lógica incluyente da complexidade defendida por Morin (1996). O sujeito é visto como um conjunto organizacional complexo, ou seja, ele é formado por referências internas, chamado por Morin de auto-organização, onde as operações anatomo-fisiológicas são as bases; e por referências externas, chamado de auto-exoreferência, onde, para que o sujeito se refira a si mesmo, é necessário que ele faça referência ao mundo externo. Essa última referência é baseada numa linguagem, numa cultura. Em síntese, a complexidade é para Morin (1996, p.55) “um pensamento capaz de unir conceitos que se rechaçam entre si e que são suprimidos e catalogados em compartimentos fechados”.

Tal pensamento possibilita ampliarmos nossa concepção de mundo, aceitarmos a diversidade e diminuirmos a possibilidade de disciplinar nossos olhares sobre os fenômenos socioculturais. Morin (1996, p.55) completa:

Sabemos que o pensamento compartimentado e disciplinário ainda reina em nosso mundo. Este obedece a um paradigma que rege nosso pensamento e nossas concepções segundo os princípios de disfunção, de separação, de redução. Sobre a base desses princípios, é impossível pensar o sujeito e assim mesmo pensar as ambivalências, as incertezas e as insuficiências que há neste conceito [...].

A partir de tal afirmação, percebemos que há uma forte tendência para o pensamento complexo permear as relações entre os indivíduos da Sociedade Pós-Moderna pois, mais do que em qualquer outro momento histórico, o indivíduo dito “diferente” é mais aceito como cidadão. Os deficientes físicos, mentais e sensoriais, gradativamente, estão se posicionando nos setores sociais. As relações conjugais perderam a tradicionalidade que vigorou por séculos. As mulheres, antes submissas e acudadas, voltaram-se para a independência financeira quebrando uma antiga tradição de serem as responsáveis pelo lar. Neste sentido, os compartimentos, as disfunções, separações e reduções estão em decadência.

Por outro lado, nessa atual sociedade, percebemos a existência de uma ditadura da beleza, com padrões estéticos e corporais que obedecem as leis de mercado e que excluem os indivíduos que não se adequem a eles. Tais padrões tendem massificar o indivíduo e algemá-lo numa armadura cultural que exige investimentos financeiros. Ao dialogarmos com Silva (2001), podemos admitir a existência de uma tendência à padronização dos signos estéticos e corporais atuantes sobre as diferentes partes do globo.

A fase atual da economia de mercado tem se caracterizado pela importância atribuída ao valor simbólico da mercadoria, constituindo-se em larga escala, esses signos estéticos, que serão consumidos pelos indivíduos. Nesse sentido, os signos estéticos produzidos para a esfera da troca são marcados pela homogeneidade [...]. (SILVA, 2001, p.103).

E complementa:

A partir dessa perspectiva, pode-se refletir acerca da beleza corporal que é difundida pelo mercado como um de seus signos estéticos mais valiosos, em sua manifesta homogeneidade: é fruto da racionalização por ser uma beleza enquadrada. (SILVA, 2001, p.103).

Seguindo este raciocínio, podemos perceber que, na Sociedade Pós-Moderna, os sujeitos são entendidos como seres complexos. Observamos uma tendência à padronização das culturas, na medida em que o processo de globalização ganha força, principalmente com a evolução das novas TICs. Em alguns setores sociais, por exemplo, na concepção da beleza, podemos perceber que a padronização do corpo ideal já se instalou. Mas, é notória a diversidade dos estilos de vida proporcionados pelo paradigma da complexidade.

Portanto, diante das interferências das diversas culturas, o indivíduo moderno encontra-se fragmentado, desarticulado e alienado. Desse modo, é relevante o esclarecimento das características próprias e inerentes ao sujeito pós moderno.

Sujeito pós-moderno

Tecnociência, biotecnologia, cyborg, lipófilos, lipófobos, liberalismo, corpolaria, riscos, individualismo, prudência, ética corporal, entre outros. São inúmeras as terminologias que cercam o corpo no atual período histórico. No centro dessas nomenclaturas, que direcionam a um infinito campo de reflexões acerca da natureza e cultura do homem moderno, encontra-se um sujeito fragmentado, desarticulado e problematizado, conseqüentemente, imerso em uma verdadeira “crise de identidade” (HALL, 2001, p.8).

O corpo gordo, corpo magro, corpo alto, corpo baixo, corpo oriental, corpo ocidental, corpo eficiente e corpo deficiente, enfim, o corpo, é ele o alvo de um debate acerca das experimentações que a ciência proporciona nas últimas décadas. Em paralelo, percebemos uma preocupação dos antropólogos e pesquisadores pelo afastamento cada vez maior da natureza e cultura, ou seja, do

corpo biológico e das “estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupo de indivíduos guiam seu comportamento”(GEERTZ, 1989, p.21).

No cenário reflexivo proposto por este estudo, consideraremos, entre outros, o conhecimento do sistema financeiro que rege as relações entre os indivíduos modernos. O Sistema Capitalista valoriza, sobremaneira, uma lógica mercadológica e empresarial em detrimento de uma lógica humana e solidária. Nesse campo, importa a valorização dos produtos do mercado, que devem ser consumidos compulsivamente. Entre eles, encontra-se o corpo ideal como um dos principais signos estéticos:

A fase atual da economia de mercado tem se caracterizado pela importância atribuída ao valor simbólico da mercadoria, constituindo em larga escala, esses signos estéticos, que serão consumidos pelos indivíduos. [...] A partir dessa perspectiva, pode-se refletir acerca da beleza corporal que é difundida pelo mercado como um de seus signos estéticos mais valiosos, em sua manifesta homogeneidade (SILVA, 2001, p.103)

Ao dialogarmos com Silva (2001), percebemos uma tendência à massificação cultural, dada através do apelo de uma indústria cultural que visa homogeneizar os hábitos e costumes, em busca de uma movimentação monetária propícia à lógica empresarial. Sabemos que na busca incessante do corpo ideal, há um investimento em produtos de beleza, cirurgias estéticas, profissionais da área da medicina estética, academias de ginástica, salões de beleza, entre outros, que garantem e fortalecem o Sistema Capitalista.

No entanto, ressalta-se que o corpo é “o mais natural, o mais concreto, o primeiro e o mais normal patrimônio que o homem possui” (RODRIGUES, 1983, p.47). Quaisquer interferências nesse patrimônio, sejam de ordem biológica, psicológica ou social podem provocar consequências desastrosas. Porém, na sociedade moderna, “cada vez mais o corpo torna-se uma combinação de próteses, enxertos, metais e outros tantos artefatos que modificam sua estrutura química, física e, sobretudo, estética” (GUZZO, 2005, p.146). Assim, as pessoas experimentam uma diferente forma de se relacionarem com o corpo, muitas vezes nocivas ao bem estar biopsicosocial, pois busca-se constantemente um corpo que não é geneticamente definido, mas que é resultado de uma massificação cultural.

Como já vimos, a tecnociência colabora com a busca do corpo ideal, na medida em que ela pode tratar o homem “apenas” como um conjunto de material biológico e de peças orgânicas disponíveis. Dessa forma, o corpo é compreendido como uma mistura de organismo e máquina, ou como um cyborg, livre de qualquer subjetividade que possa existir. Ao discutir o corpo moderno Guzzo (2005, p.147) observa que “o cyborg é a imagem do híbrido, ou seja, um corpo que comporta elementos, tempos e ordens diversas. Essa imagem é comparada à figura dos monstros”.

Le Breton (1995) compara as realizações médicas com o desconhecido da abertura da caixa de Pandora, que é o corpo humano. Para ele, assim como para Guzzo (2005), as intervenções cirúrgicas desprovidas de ética podem levar a formação de indivíduos monstruosos, como o personagem literário Frankenstein. Este autor afirma que “se as fronteiras do homem são traçadas pela carne que o compõe, recortar ou acrescentar nele outros componentes traz o risco de alterar a identidade pessoal”. Portanto, constatamos a partir de tal afirmação, que o indivíduo moderno encontra-se em crise de identidade, pois a atual sociedade passa por uma “Síndrome do Frankenstein” (LE BRETON,1995) .

Mergulhados na referida síndrome permanecemos vulneráveis aos estereótipos corporais. Tanto os videntes como os cegos sofrem influências do ideal corporal de sua cultura. A diferença entre esses dois grupos é a maneira pela qual as referidas influências chegam ao seu conhecimento. Se esse ideal estiver longe de uma ética corporal, comprometemos o corpo, talvez, o mais belo traço da memória de vida. Se a identidade corporal for atingida e sufocada por esses ideais, comprometemos o desenvolvimento positivo da nossa imagem corporal, pois essa identidade é a matriz básica da imagem corporal.

Neste paradigma ideológico da busca frenética pelo corpo ideal, o atual sistema econômico encontra-se em constante ascensão, a sociedade em caos e o indivíduo descentralizado. Concordamos com Guzzo (2005), quando afirma que é preciso criar uma ética corporal, onde possamos ter prudência, selecionando o que é bom ou ruim para o nosso corpo. Assim, talvez pudéssemos ficar livres da lógica econômico-destruidora-empresarial que rege a sociedade moderna e, então, termos a possibilidade de resgatar a nossa identidade.

Desse modo, ao iniciarmos o estudo sobre a imagem corporal, que se fundamenta sobre a identidade corporal do indivíduo, buscamos desvendar como o deficiente visual formula sua imagem, mesmo sem o importante estímulo visual. Além disso, pretendemos entender a estruturação da imagem corporal do público cego frente às características próprias desse público, o qual encontra-se envolvido por essa cultura global, excludente e com tendências homogeneizadoras.

O Deficiente Visual e sua Imagem Corporal

Uma vez compreendidas a sociedade e a cultura em que o cego se encontra imerso, nos propomos a refletir sobre a formulação da sua imagem corporal. Schilder (1999) ilustra três dimensões para a imagem corporal, são elas: a base fisiológica, a estrutura libidinal e a sociologia da imagem corporal. Apesar dessa separação, que entendemos ser didática, Schilder apresenta os referidos tópicos de maneira interligada.

Entendemos por imagem do corpo humano a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós (SCHILDER, 1999, p.7). Destacamos que essa figuração, para o referido autor, vai além da imagem visual do corpo, ou seja, nela estão representadas a dor, o controle motor dos membros, os estímulos táteis e cinestésicos, as relações sociais, entre outros.

Tavares (2003) faz uma relação entre imagem visual e representação mental. Para ela a imagem é um produto da transposição psíquica da percepção de um objeto externo ou interno, enquanto que a representação mental é uma forma de armazenar informações. Ambas se complementam em outra conceituação que ela faz para a imagem do corpo: “A imagem corporal é a maneira pela qual nosso corpo aparece para nós mesmos. É a representação mental do nosso próprio corpo” (Ibid., p.27).

Seguindo este raciocínio, a autora revela que o termo imagem corporal muitas vezes tem sido relacionado à imagem visual do corpo. No entanto, essa imagem se refere a uma representação mental ou imagem mental, que é bem mais abrangente do que a representação unicamente visual de um objeto. O conceito de imagem mental integra experiências afetivas, sociais e fisiológicas com diferentes entradas sensoriais (tato, temperatura, visão, propriocepção, etc). Vejamos a seguinte informação:

[...] somos conduzidos a visualizar a imagem corporal como um fenômeno complexo, que deve ser visto sob múltiplas perspectivas, processo em constante transformação, que integra múltiplas

dimensões e vulnerável aos processos dinâmicos internos e externos que se encontram em relação a cada instante, reconhecendo, no entanto, seu caráter singular e indivisível. (TAVARES, 2003, p.19).

Ao dialogarmos com Tavares (2003) e Schilder (1999), percebemos a complexidade do fenômeno imagem corporal. Este deve ser entendido em todos os seus aspectos, incluindo os fisiológicos, afetivos e sociais, pois ele está intimamente ligado a identidade do homem. Nesse contexto, tais autores destacam que as constantes transformações da imagem corporal são relativas às transformações do corpo vivido, cujas percepções integram sua unidade e marcam sua existência no mundo a cada instante.

Schilder afirma, em alguns momentos de sua obra, a importância de outros sentidos para formulação da imagem corporal, que não seja somente o visual. Eis alguns:

· “[...] Os movimentos sucessivos servem à construção da imagem corporal [...]” (1999, p.22);

· “[...] Portanto, sempre que as impressões visuais se tornam insuficientes para a orientação concernente ao próprio corpo, as impressões táteis e cinestésicas são utilizadas.” (1999, p.23);

· “O padrão da imagem corporal consiste em processos que constroem e criam com a ajuda de sensações e da percepção, mas os processos emocionais são a força e a fonte de energia destes processos construtivos, e os dirigem” (1999, p.73).

Embora Schilder valorize outros sentidos para a formulação da imagem corporal, ele ressalta a importância da visão nesse processo. Segundo o autor (1999, p.127) “Indubitavelmente, as percepções visuais influenciam fortemente a imagem corporal”. No entanto, Schilder afirma que a associação dos dados visuais e táteis são utilizados na imagem corporal, o que desconsidera uma possível exclusividade do estímulo visual. Desse modo, um indivíduo cego que vive em um ambiente rico de estímulos táteis e cinestésicos pode compensar a falta da visão na formulação da sua imagem corporal com maior facilidade do que aquele que não teve oportunidade de experimentar variados estímulos sensoriomotores ao longo de sua vida.

Schilder (1999, p.115) colabora com esta reflexão ao afirmar que “Aparentemente, dois fatores têm participação especial na criação da imagem corporal. Um é a dor e outro o controle motor dos membros”. A parte do corpo onde o indivíduo sente dor torna-se alvo de sua atenção e torna-se isolada. Assim, há uma tendência para expulsá-la da imagem corporal. O indivíduo tende a acreditar que a dor pertence a outro corpo e tem a sensação de que se está observando a si próprio, por exemplo: quando se tem uma dor de dente e se está quase adormecendo, pode-se ter a sensação de que se está observando a si próprio e que a dor pertence a outro corpo. Em adição, o controle motor dos membros utiliza sensações e percepções para a formulação da imagem corporal. Dessa forma, o autor ressalta que a imagem corporal é formulada diante de inúmeras informações, consideradas maiores e mais abrangentes do que unicamente o estímulo visual.

Vale lembrar que as relações sociais estabelecidas também influenciam na figuração do corpo em nossa mente. Nesse sentido, o corpo do outro é um modelo que podemos ou não associar a nossa imagem corporal. Dessa forma, vivenciamos as imagens corporais dos outros. A experiência dos corpos dos outros são intimamente interligadas, assim como nossas emoções e ações são inseparáveis da imagem corporal, as emoções e ações dos outros são inseparáveis de seus corpos (SCHILDER, 1999, p.13). Além disso, Schilder (1999, p.137) apresenta que “A libido narcisista tem como objeto a imagem do corpo [...]. Corpo e mundo são experiências interconectadas. Uma não é possível sem a outra”. O autor revela, ainda, que a imagem corporal é muito mais que o corpo

propriamente dito, ela ultrapassa seus limites, ou seja, ela abrange seus excrementos (fezes, suor, urina, sêmen, menstruação, odor, lágrimas, etc.) como também a voz, a respiração, qualquer tipo de roupa e seus acessórios.

Não estamos desconsiderando aqui, a importância da visão na formulação da imagem corporal. Ao evidenciarmos que vivemos em uma sociedade que prima pela cultura do corpo ideal, referendada em uma verdadeira corpolatria presente nas relações sociais, e que possui sua estrutura fundamentada em referências audiovisuais, esclarecemos que a visão é um tópico que auxilia na formulação da imagem corporal. Porém, urge destacar, que a visão é somente um dos estímulos básicos, entre outros tão importantes quanto ela.

Entender o processo de formulação da imagem corporal pelo cego torna-se relevante aos profissionais que lidam frequentemente com estes sujeitos, para que seja possível intervenções positivas para o desenvolvimento saudável da imagem corporal desses sujeitos. Tais profissionais devem proporcionar aos indivíduos que não enxergam um ambiente rico de estímulos sensorio motores, que amplie suas sensações e percepções, para a estruturação da sua identidade corporal. Vale destacar que uma identidade corporal bem estruturada irá proporcionar uma imagem corporal mais unificada, por conseguinte, menos vulnerável aos apelos de corpo ideal da atual sociedade.

O movimento, oriundo da prática de atividades físicas, é um importante facilitador de sensações novas que irão facilitar o desenvolvimento positivo da imagem corporal. Através da sua prática, que pode ser estimulada pelo profissional de Educação Física, os indivíduos poderiam viver em harmonia com o seu corpo, aquele real, herdado geneticamente, construído culturalmente, e distanciar-se da busca incessante pelo ideal de corpo da sua cultura. Pois, como afirma Tavares (2003), quando nos subordinamos a uma imagem ideal de corpo, sacrificamos nossa realidade interna, nos afastamos de nossos desejos, de nossas limitações e nossas ações perdem o caráter humano pois são, por si só, vazias de significado.

METODOLOGIA

Caracterização do Estudo:

Pesquisa Qualitativa, que teve como principal técnica uma revisão de literatura e uma descrição narrativa.

Procedimentos:

Este estudo é resultado das reflexões originadas durante o curso da disciplina Corpo e Diversidade do mestrado em Educação Física, oferecida pela Prof^a Dr^a Maria Elisa Caputo Ferreira, na Universidade Federal de Juiz de Fora, durante o primeiro semestre de 2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao promovermos relações entre Sociedade Pós-Moderna, Imagem Corporal e Deficiente Visual, tendo como base a Sociologia e a Antropologia, percebemos a variedade de opções teóricas pelas quais poderíamos caminhar. Optamos pelo entendimento das relações globalizantes e globalizadoras que tendem a uma homogeneização mundial entre as diferentes culturas, lançando padrões de beleza e comportamento num contexto onde a cultura ocidental impera. Neste, o corpo é alvo de empreendimentos tecnocientíficos, financeiros e empresariais na busca do corpo ideal. É nessa busca que os sujeitos tendem a perder a prudência e a ética corporal, submetendo seus corpos

à uma busca patológica por atividade física, cirurgias estéticas, dietas mirabolantes, entre outros. Consequentemente, o indivíduo moderno se encontra em uma verdadeira crise de identidade.

O corpo, fonte inesgotável de sofisticados mistérios, muitas vezes é visto como insuficiente para fazer frente às exigências de eficiência e produtividade da Sociedade Pós-Moderna. Na atual sociedade, valoriza-se sobremaneira o corpo ideal, aquele belo, másculo, bonito, produtivo e perfeito, mas que não é o real. O sujeito é constantemente influenciado por uma corpolatria presente nas relações sociais. Para Goldenberg (2007, p.115) “a corpolatria está associada a uma forma de narcisismo corporal coletivo”. O corpo ideal desfila na mídia e nas ruas lançando padrões massificantes de beleza e perfeição. Os indivíduos que não possuem condições genéticas ou financeiras de manter o corpo ideal de sua cultura tendem a se sentirem deprimidos, incapazes e eternamente insatisfeitos, portanto em crise de identidade.

Pelo corpo passaram/passam as marcas que determinam a categorização e a valorização desigual das pessoas. No corpo não só seguem e se reproduzem os caminhos da exclusão, por vezes, caminhos discretos e capciosos, mas, também, observamos um processo de mudança desse paradigma para outro, o de uma lógica includente da complexidade. Acreditamos na complexidade defendida por Morin (1996) onde pode existir uma diversidade de padrões corporais, possibilitando que as pessoas transitem livremente pela vida. Sabemos que o pensamento compartimentado e disciplinário ainda reina em nosso mundo. Este obedece a uma redução do sujeito, que empobrece o reconhecimento dos seus signos e significados. Entretanto, defendemos a proposta de autonomia do corpo defendida por Stoer et al. (2004, p.35):

o corpo se pode assumir como portador de códigos próprios que lhe dão um caráter de “fora do poder” e mesmo de “contra poder”. [...] O corpo é, assim, não só a sede da experiência do mundo mas muitas vezes o lugar da resistência a uma ordem social que a pessoa ou os grupos não querem aceitar.

Estamos em um período de incertezas e caos, os antigos paradigmas são quebrados para o surgimento de novos outros que, provavelmente, serão substituídos. Mas, como afirma Prigogine (1996), a ordem sucede o caos. Nesse sentido, florescem esperanças de criatividade científica, o que pode fortalecer a quebra do pensamento compartimentado de um momento anterior e a ascensão do paradigma includente da complexidade.

Optamos também por entender como a imagem corporal do cego se estrutura nessa sociedade considerada audiovisual. Diante das teorias de Schilder (1999) e Tavares (2003), observamos que o deficiente visual é capaz de formular sua imagem corporal através de outros estímulos, os quais não sejam os visuais. Consideramos esse último importante, mas não fundamental no processo de formulação do corpo na mente, na medida em que a imagem corporal é relacionada a uma representação mental, que é muito mais complexa que uma imagem visual.

Buscamos analisar a imagem corporal longe de um reducionismo visual, que pudesse colocar o cego incapaz, excluído e algemado em um paradigma que permeia o pensamento moderno. Ao contrário, tentamos trazer para esta reflexão as variadas dimensões da imagem corporal e com elas, o caráter multidimensional da sua formulação.

Dessa forma, pudemos constatar que, na medida em que o sujeito se reconheça e se aceite na sua diferença/deficiência, ele pode manter relações positivas e prazerosas com o seu corpo, com a sua identidade, portanto, possuir uma imagem corporal positiva. Uma das formas de promoção dessas relações é o movimento, que pode promover um grande repertório de percepções e sensações táteis e cinestésicas. Para Turtelli et al (2002) “É através do movimento que desenvolvemos nossa

imagem corporal”, nesse caso, o profissional de Educação Física aparece como um possível mediador entre a atividade física/movimento e o deficiente visual.

Os profissionais que lidam com o indivíduo cego, especialmente o profissional de Educação Física, devem estar atentos às relações que este indivíduo estabelece com o seu corpo, no atual período denominado Pós-Modernidade. Na verdade, os profissionais de Educação Física precisam conhecer suas próprias limitações e potencialidades, respeitá-las e flexibilizá-las, para então, poder estruturar ações de inclusão e diversidade na sua relação com os seus alunos, como reza Tavares (2003).

Aqui, finalizamos este artigo destacando que há outros caminhos a trilhar para tratar do trinômio a que se propõe esse estudo e que, no caminho escolhido para esta reflexão, acreditamos que estamos apenas no início da discussão da relação entre Pós-Modernidade, Imagem Corporal e Deficiente Visual. Pontuamos que essa linha de investigação pode possuir diferentes perspectivas de se olhar para o mesmo fenômeno. Sugerimos estudos futuros que visem analisar a satisfação do deficiente visual com sua imagem corporal, numa sociedade fundamentada nas relações de consumo de corpo ideal, onde o corpo deficiente não é parte do ideal cultural de corpo perfeito.

NOTAS DE RODAPÉ

¹ As novas TICs são possibilidades de intercâmbio de informação nas mais diversas atividades humanas. Elas fizeram surgir uma gama de novas possibilidades para a divulgação e análise de redes sociais e, conseqüentemente, de redes de colaboração em ciência, tecnologia e inovação (BALANCIERI et al., 2005). Como exemplo das TICs, destacam-se a transmissão via satélite, via TV a cabo, internet, entre outros

REFERÊNCIAS

- BALANCIERI, Renato. et al. A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo na plataforma Lattes. *Ciência da Informação*. Brasília, v.34, n.1, p. 64-77, jan.- abr. 2005.
- DAOLIO, Jocimar. Direitos do Corpo: cultura e práticas corporais. *Anais do III Fórum Internacional de Ginástica Geral*. Campinas, SP: UNICAMP, Ago. 2005, p. 31-34.
- GIDDENS, Antony. Os contornos da alta modernidade In: _____. *Identidade Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GEETZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOLDENBERG, M (org.). *Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GUZZO, Marina. Riscos da Beleza e desejos de um corpo arquitetado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n.1, p. 139-152, set. 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LE BRETON, David. A Síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- MAUSS, Marcel. “As técnicas corporais”. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1984. p. 211-233.

- MORIN, Edgar. A noção de Sujeito In: SCHNITMAN, D. F. (org). *Novos Paradigmas, Cultura e subjetividade*. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PRIGOGINE, Ilya . O fim da Ciência? In: SCHNITMAN, D. F. (org). *Novos Paradigmas, Cultura e subjetividade*. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In:
- SOARES, Carmen Lúcia(org.). *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- SCHNITMAN, Dora Fried. Ciência, cultura e subjetividade. In: SCHNITMAN, D. F. (org). *Novos Paradigmas, Cultura e subjetividade*. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SCHILDER, Paul. *A Imagem do Corpo: As Energias Construtivas da Psique*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SILVA, Ana Márcia. A expectativa de corpo e suas raízes paradoxais para a construção de uma nova cultura. In: _____. *Corpo Ciência e Mercado*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. *Caderno Cedes*. n. 48, 1999.
- STOER, Stephen R; MAGALHÃES, Antônio M; RODRIGUES, David. *Os lugares da exclusão social*. São Paulo: Cortez, 2004.
- TAVARES, Maria da Consolação G. Cunha. *Imagem Corporal Conceito e Desenvolvimento*. Barueri: Manole, 2003.
- TURTELLI, Larissa Sato; TAVARES, Maria da Consolação Gomes Fernandes;
- DUARTE, Edson. Caminhos da Pesquisa em Imagem corporal na sua relação com o movimento. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 24, n. 1, p. 151-166, set. 2002.

Fabiane Frota da Rocha Morgado é mestranda em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), na linha de pesquisa Aspectos Socioculturais do Movimento Humano. Especialista em Aspectos Metodológicos e Conceituais da Pesquisa Científica pela UFJF. Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Contato: fabi.frm@hotmail.com

Maria Elisa Caputo Ferreira é Professora Adjunta e orientadora nos Programas de Mestrado em Educação Física e em Psicologia da UFJF. É Pós-doutora e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). É mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF) e mestre em Ciência da Motricidade Humana pela Universidade Castelo Branco (UCB). É graduada em Educação Física pela UFJF e em Serviço Social pela Faculdade de Serviço Social do Rio de Janeiro. Contato: caputoferreira@terra.com.br